

## Introdução

José Estaline definhou e morreu numa atmosfera de recriminação medieval. Estava-se em Março de 1953. O Kremlin fervilhava com o temor de uma nova e vasta purga contra membros do Presidium. Uma campanha pública contra médicos judeus traidores ameaçava engolir toda a comunidade judaica soviética. As tensões com o Ocidente eram cada vez mais preocupantes: ao fim de três anos de combates, a guerra na Coreia prosseguia inquebrantável, enquanto exércitos norte-americanos e soviéticos permaneciam frente a frente numa Alemanha dividida. Ao mesmo tempo, uma nova administração norte-americana encabeçada pelo presidente Dwight David Eisenhower e pelo secretário de Estado John Foster Dulles tomara posse nesse mês de Janeiro com a intenção de «fazer recuar» o comunismo, acabando por se ver confrontada com os herdeiros de Estaline e uma multiplicidade de reformas inesperadas.

No país e no estrangeiro, os velhos «camaradas de luta» de Estaline enfrentavam inúmeros dilemas espinhosos. Compreenderam a necessidade de libertar prisioneiros do *gulag*, retractaram-se da Conspiração dos Médicos e proporcionaram melhores níveis de vida para a população. Fizeram também concessões ao Ocidente, uma «ofensiva de paz» de fundo que incluiu negociações sérias e renovadas para pôr termo ao combate na Coreia e reduzir as tensões na Europa, nomeadamente nos países

satélites do Leste, onde as políticas extremadas de Estaline incendiavam a agitação popular contra o regime comunista.

No entanto, a preocupação prioritária deles era preservar o seu poder. Estaline dominara de tal modo a vida do país, que a sua morte provocou uma efusão desmesurada de desgosto desnorteado. «Estaline estava dentro de todos, como o martelo associado à foice em cada espírito», escreveu o autor Andrei Siniávski.<sup>1</sup> O regime receava que a morte dele desencadeasse o pânico e a desordem, o que por sua vez podia debilitar a legitimidade e a autoridade do governo de partido único. Tinham de encontrar maneira de se distanciar dos crimes de Estaline, continuando a insistir que o Partido Comunista não fosse responsabilizado pela brutalidade do tirano, que o partido merecia mais comiseração pelo que suportara do que condenação pelo que aplaudira. Este dilema insinuou-se de imediato depois de ele ter desfalecido, mantendo-se durante décadas, com momentos ocasionais de candura e verdade, seguidos de um novo respeito oficial por Estaline e a sua chefia. Foi algo que afectou o tratamento médico dele, a condução do funeral, as relações com o Ocidente e a vida quotidiana no país.

Este livro abre com a morte de Estaline, recua no tempo até ao XIX Congresso do Partido em Outubro de 1952, quando Estaline pronunciou o seu último discurso público, e segue depois pelo Inverno de 1952–3, quando se deu a Conspiração dos Médicos e uma vasta campanha contra os judeus do país. Analisa-se como a imprensa soviética e norte-americana cobriu a morte de Estaline e como a nova administração de Eisenhower reagiu às mudanças flagrantes que se seguiram em Moscovo. Conclui com o aprisionamento em Junho daquele que foi durante muito tempo chefe de segurança de Estaline, Lavrénti Béria.

A morte de Estaline trouxe uma oportunidade sem precedentes. Proporcionou aos seus sucessores o ensejo de inverterem

muitas das suas políticas e fazerem progredir o país numa direcção mais esperançosa e descontraída. Confrontou os Estados Unidos com a necessidade urgente de reverem suposições de como poderiam trabalhar com uma ditadura brutal e ameaçadora que perdera subitamente o seu dirigente e parecia pronta para negociar um recomeço das suas relações com o mundo exterior. Por razões complexas, nem o governo soviético nem o norte-americano foram capazes de vencer as décadas de desconfiança que os separava. Persistiu a corrida ao armamento. A divisão da Alemanha e da Europa manteve-se. A Guerra Fria chegou aos cantos mais recônditos do mundo, onde tensões entre Leste e Ocidente se reproduziram em conflitos indirectos, com miséria e destruição indescritíveis. E, na União Soviética, a promessa de mudança que iluminara os primeiros meses após a morte de Estaline desabou numa alternância entre reforma jubilosa e repressão desanimadora que durou até Mikhaíl Gorbachév levar tão longe os limites da reforma, que o regime soviético já não poderia sobreviver-lhe. A morte de Estaline ofereceu ao Kremlin e ao Ocidente a oportunidade de escapar à realidade terrível da imaginação tortuosa dele, um desafio que não conseguiram vencer. Esse fracasso assombrou o mundo nas décadas que se seguiram.



## CAPÍTULO 1

### A morte de Estaline

Às primeiras horas do dia 4 de Março de 1953, quarta-feira, bem antes da alvorada, o governo soviético difundiu uma informação alarmante pela Rádio Moscovo, a dar parte ao seu povo e ao mundo de que José Estaline sofrera uma apoplexia avassaladora no domingo à noite, 1 de Março. Segundo declarações oficiais, Estaline fora vítima de uma hemorragia cerebral no seu apartamento do Kremlin, resultando em perda da fala e da consciência. Ficara paralisado do lado direito, e já nem o coração nem os pulmões dele funcionavam devidamente. O regime garantia ao povo soviético que Estaline estava a receber tratamento médico adequado, «sob supervisão constante do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética e do governo soviético». Todavia, todos deviam «ter consciência do significado pleno de que a doença grave do Camarada Estaline implicará a sua não participação mais ou menos prolongada na governação». Isso implicaria o «afastamento temporário do Camarada Estaline» dos assuntos do Estado.

Um boletim clínico fornecia pormenores mais específicos do diagnóstico, incluindo o registo da sua respiração difícil, da pulsação elevada e de uma hipertensão preocupante, a par de arritmia cardíaca. Não obstante o «estado grave de saúde» de Estaline, os médicos aplicavam «um conjunto de medidas terapêuticas [...] com vista ao restabelecimento das funções de importância vital do organismo».<sup>1</sup> O regime deixava claro que

Ele disponibilizava os cuidados mais eficazes, em resposta a um episódio clínico muito severo; que os líderes do partido vigiavam o trabalho do ministro da Saúde Pública, enquanto o ministro supervisionava dez outros médicos; e que, como revelavam os nomes, nenhum deles era judeu. Isto era de importância crucial porque, apenas sete semanas antes, a 13 de Janeiro, o regime anunciara a descoberta de uma maquinação sinistra que implicava um grupo de médicos, na sua maioria judeus, de quem se dizia terem-se conluiado com organizações imperialistas e sionistas para levar a cabo o assassinio de importantes responsáveis soviéticos mediante aplicação criminosa das suas aptidões médicas. Era a infame Conspiração dos Médicos. Agora Estaline adoecera. Os sucessores dele e os membros do seu círculo mais imediato – Gueorgui Malenkóv, Lavrénti Béria, Nikolái Bulgá-nine e Nikíta Kruschév – aguardaram pelo menos 48 horas até divulgar a notícia, querendo certificar-se de que acordavam a maneira de dividir o partido e a autoridade do governo, tanto para acalmar a população quanto, não menos importante, para se proteger. Receavam até então pelas próprias vidas, interrogando-se se e quando Estaline assestaria a mira contra um, dois ou mesmo todos eles, como liquidara tantos outros homens outrora poderosos. O interesse partilhado deles pela sobrevivência garantia a sua cooperação naquele momento delicado. Precisavam também de ter confiança absoluta de que Estaline estava às portas da morte. De súbito, a ditadura impiedosa e pessoal dele terminara. O medo que tinham dele evaporava-se.

Havia já muito que a saúde de Estaline era objecto de intensa especulação. Quem não sonhava com a morte dele? Ou talvez as pessoas estivessem somente à procura de indícios de mortalidade, sabendo que, com excepção da própria morte, nada dá provas mais expressivas de uma humanidade comum do que o envelhecimento e a doença. Contudo, para alguns até esse era um instinto

demasiado proibido. Ao escutar os comunicados médicos, ocorreu ao escritor Konstantín Símonov que era «disparatado reflectir sobre que significado poderiam ter a pulsação, a tensão arterial, a temperatura e todos os outros pormenores dos boletins, a que ponto eram relevantes para o estado clínico de um homem de 73 anos. Eu não queria pensar naquilo e não queria falar acerca daquilo com outros, porque não parecia adequado falar de Estaline apenas como um ancião que adoecera de repente.»<sup>2</sup> Como contou o escritor Iliá Ehrenbúrg nas suas memórias: «Havia já muito que perdêramos de vista a ideia de que Estaline era mortal. Tornara-se uma divindade onnipotente e distante.»<sup>3</sup> Estaline, porém, não partilhava desta ilusão. Corriam inúmeros rumores de que ele apoiava a investigação científica para prolongar a vida humana, e até que poupava a famosa médica Lina Shtern depois de ser condenada por traição e espionagem em 1952, pois pensava que o trabalho dela poderia contribuir para que ele próprio tivesse uma vida mais longa.<sup>4</sup>

Com base nos relatórios dos médicos que tinham cuidado de Estaline e noutras fontes de informação, é possível, no mínimo, reconstituir uma história clínica parcial. Estaline sofria de várias deformações físicas. Tinha membranas interdigitais no pé esquerdo. O rosto estava marcado por uma crise de bexigas de que padecera em criança. O braço esquerdo parecia atrofiado, com um cotovelo que não dobrava totalmente. Há diferentes explicações para esta deficiência, seja um acidente em rapazi-nho que não fora devidamente tratado ou o braço ter sofrido lesões num parto difícil, deixando-o com a chamada paralisia de Erb. Ao aproximar-se dos cinquenta anos, começou a procurar tratamento para dores entorpecedoras nos músculos e terminações nervosas de braços e pernas, uma maleita que os médicos o exortavam a tratar com banhos medicinais no Sul da Rússia e no Cáucaso. Sofria também de dores de cabeça e inflamações

dolorosas na garganta. Em 1936, os médicos detectaram-lhe problemas na capacidade para andar e para se levantar, e iniciaram um tratamento para os sintomas iniciais da arteriosclerose.

Pensa-se que, a seguir à guerra, Estaline tenha sofrido um ataque cardíaco ou pequenas apoplexias em 1945 e, mais uma vez, em 1947. Com base em informação escassa, surgiram alguns artigos na imprensa ocidental que especulavam acerca da doença que o debilitava. Em Outubro de 1945, o *Chicago Tribune*, o *Paris Press* e a *Newsweek* afirmavam todos que Estaline sofrera dois ataques cardíacos na Conferência de Potsdam no Verão anterior, onde se encontrara pela primeira e única vez com o presidente Truman. A 11 de Novembro, o jornal francês *Bref* relatou que Estaline sofrera um ataque cardíaco a 13 de Setembro e que se retirara para o mar Negro, a fim de escrever o seu «testemunho» político.<sup>5</sup> Continua a ser difícil clarificar o que se passava. Estaline recebera o embaixador norte-americano Averell Harriman em Sochi a 24 e 25 de Outubro, e fora Harriman a assegurar à imprensa que «o Generalíssimo Estaline está de boa saúde e os boatos alusivos a ter adoecido não têm nenhum fundamento».<sup>6</sup>

No entanto, o estado clínico dele continuou a deteriorar-se nos anos do pós-guerra. Um diplomata estrangeiro que o viu em Junho de 1947 ficou espantado com o quanto ele envelhecera desde o fim da guerra: Estaline era agora «um homem velho e muito cansado».<sup>7</sup> Segundo o historiador russo Dmítri Volkogónov, Estaline desmaiou várias vezes no gabinete, duas na presença do seu secretário, Aleksánder Poskrébyshév, e uma diante de membros do Politburo. Volkogónov descreveu essas crises como espasmos súbitos nos vasos sanguíneos dele.<sup>8</sup> Na última consulta de Estaline com o seu médico pessoal, o cardiologista Vladímir Vinográdov, a 19 de Janeiro de 1952, o médico aconselhou-o a pensar na aposentação. O conselho irritou Estaline, que o rejeitou como sinal de desrespeito; estava fora de questão. (Vinográdov



seria detido no Outono de 1952, como participante na Conspiração dos Médicos.)

Contudo, Estaline não estava totalmente alheado da necessidade de cuidar da sua saúde. Com início em 1945 (após a guerra), deixaria Moscovo por um número crescente de meses – no início, três meses por ano, depois quase cinco meses em 1950, e chegando finalmente aos sete meses, entre Agosto de 1951 e Fevereiro de 1952 –, considerando mais repousante viver e trabalhar numa das suas *dachas* a sul, onde o clima cálido e familiar do Cáucaso o restabelecia.<sup>9</sup> Aí, podia ler relatórios e telegramas, sem nunca deixar o país saber que não estava a trabalhar no Kremlin. Era, no entanto, raro seguir as prescrições de Vinográdov. Como fumador compulsivo que tinha sempre o cachimbo abastecido de tabaco, Estaline agravou a hipertensão e só deixou de fumar no princípio de 1952. Nessa altura, também deixara de tomar banhos de vapor: permanecer sentado numa *banya* só lhe aumentava a tensão arterial. Para tratar a hipertensão, gostava de beber água fervida com gotas de iodo antes do jantar, um exercício inútil de automedicação.

Em 1950, o interesse pela saúde de Estaline era comum no Ocidente, o que deu origem a boatos rebuscados de doença grave e até de que teria morrido. Em Março, depois de Estaline não ter proferido um discurso eleitoral, a embaixada dos Estados Unidos em Moscovo informou Washington de que ele podia sofrer de cancro da garganta. Dois anos mais tarde, em Janeiro de 1952, a embaixada dos Estados Unidos em Varsóvia relatou que Estaline estava doente, deixando «Béria, Malenkóv ou Shvérnik» em funções no seu lugar.<sup>10</sup> Três semanas mais tarde, a embaixada dos Estados Unidos em Ancara transmitiu que o primeiro-ministro turco, Adnan Menderes, informara o embaixador norte-americano de uma mensagem interceptada, proveniente da embaixada polaca, segundo a qual Estaline estava «gravemente

doente».<sup>11</sup> Dois dias depois, a embaixada dos Estados Unidos em Moscovo citava notícias saídas em jornais de Amesterdão que diziam que a saúde de Estaline se debilitava na sequência de uma operação ao coração realizada a 19 de Dezembro de 1951. Afirmava-se também que funcionários da embaixada soviética em Amesterdão haviam sido alertados pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros em Moscovo de que Estaline «já não era [um] jovem» e que não deveriam «afligir-se ao saber que ele se submetera a uma operação bem-sucedida ao coração, e que seria de esperar notícias análogas no futuro, tendo em conta a idade dele».<sup>12</sup> Ainda assim, os diplomatas norte-americanos acrescentavam no mesmo telegrama que Estaline assistira à cerimónia anual do aniversário de Lenine no Teatro Bolshoi a 21 de Janeiro, onde – precisou mais tarde o correspondente do *New York Times*, Harrison Salisbury – Estaline se apresentou de «manifesta boa saúde e disposição».<sup>13</sup> O embaixador cessante dos Estados Unidos em Moscovo, o almirante Alan Kirk, visitou o presidente Truman a 4 de Fevereiro. Quando falaram de Estaline, o embaixador confirmou que não podia apresentar «provas concretas dos problemas de saúde» dele.<sup>14</sup> Os norte-americanos agarravam-se a todas as esperanças.

Salisbury acompanhava todos esses rumores. A 27 de Fevereiro de 1952, enviou uma carta aos seus editores em Nova Iorque – presume-se que a carta saiu do país de maneira segura, para escapar à censura soviética – indicando que os avisaria, por mensagem codificada, se soubesse da morte de Estaline antes que fosse feita uma declaração oficial. «Acredito sinceramente», acrescentou, «que há uma probabilidade de mil para um de que algo se saberá antes da declaração oficial, e esta será quase de certeza divulgada para o estrangeiro mal seja apresentada aqui.» Exortava também os colegas a «consultá[-lo] antes de darem à estampa quaisquer rumores relativos [à saúde de Estaline], como

a história bastante idiota de Amesterdão que a AP [Associated Press] veiculara».<sup>15</sup>

Os diplomatas ocidentais permaneciam atentos a quaisquer possíveis alterações do estado de saúde de Estaline. Nesse mês de Junho, o embaixador norte-americano George Kennan fez chegar a Washington rumores de que Viachesláv Mólotov e Andrei Vyshinski estavam em vias de substituir Estaline e que se tinham distribuído discretamente instruções para remover as imagens omnipresentes de Estaline dos locais públicos. Essas conversas levaram Kennan a especular que Estaline se afastava de pelo menos algumas das suas funções, que «a participação dele em actos públicos é esporádica e relativamente superficial em comparação com o período anterior à guerra e durante a mesma». Kennan, que esteve sempre entre os mais filosóficos dos diplomatas norte-americanos, não pôde deixar de comentar a inesperada longevidade dos «camaradas de luta» de Estaline. «Caprichos e vicissitudes da natureza parecem-me ter poupado este corpo de homens por um período anormalmente longo. É já tempo de a natureza começar a pregar as suas partidas habituais, e os seus efeitos podem ser bem diferentes do que aquilo que qualquer um de nós vaticinou.»<sup>16</sup> A natureza interveio, mas não antes de passarem mais sete meses.

Nesse Verão, os adidos militares norte-americanos que estiveram presentes numa parada na Praça Vermelha relataram a Kennan que o Estaline que permanecera no topo do Mausoléu era provavelmente um manequim: «Os outros membros do Politburo [...] não pareciam prestar-lhe atenção e falavam sem cerimónia uns com os outros na cara dele.»<sup>17</sup> Kennan sabia o suficiente para rejeitar esse relatório, embora muitos supusessem que Estaline recorria por vezes a um duplo. Ficou ansioso por falar com o novo embaixador francês, Louis Joxe, que estivera com Estaline nesse mês de Agosto. Joxe e os seus colegas

encontraram Estaline «a exhibir a idade de forma muito vincada. Disseram que o cabelo estava nitidamente mais ralo em comparação com as fotografias, a face mirrada e a estatura muito mais reduzida do que haviam esperado. Tiveram a impressão de que ele só movimentava o braço esquerdo com alguma dificuldade e que os seus movimentos corporais eram genericamente esforçados e irregulares». Saíram do encontro com a clara sensação de que haviam sido «confrontados com um ancião».<sup>18</sup>

Todavia, existem informações antagónicas quanto à aparência e vitalidade de Estaline nas suas últimas semanas de vida. Svetlana Allilúyeva fez uma última visita ao pai no aniversário dele, a 21 de Dezembro de 1952. Despediu-se «preocupada com a má aparência dele».<sup>19</sup> Os últimos estrangeiros a visitá-lo foram o embaixador recém-nomeado da Argentina, Luis Bravo, e o embaixador indiano K. P. S. Menon, que acompanhava o activista indiano pela paz Dr. Saifuddin Kitchlew ao Kremlin. Bravo esteve com Estaline durante cerca de uma hora na tarde de 7 de Fevereiro de 1953, e relatou que o encontrara em «condições físicas e mentais excelentes», a contradizer a sua idade avançada.<sup>20</sup> Estaline recebeu então Menon e Kitchlew a 17 de Fevereiro, passando cerca de meia hora com Meno e depois mais de uma hora com Kitchlew, que acabara de receber um Prémio da Paz Estaline.<sup>21</sup> Também dessa vez, ambos os homens partiram impressionados com a «saúde, espírito e disposição excelentes» de Estaline.<sup>22</sup> É difícil saber em que acreditar. Talvez aqueles homens, progressistas com alguma simpatia pelo regime, cedessem à ilusão e não viessem a revelar como a saúde de Estaline vacilava. Em breve a realidade surgiria diante do mundo.<sup>23</sup>

No sábado, 28 de Fevereiro de 1953, ao fim do dia, Estaline estava acompanhado pelo seu círculo mais próximo no Kremlin, e em seguida na *dacha* de Kuntsevo, nos subúrbios de Moscovo. Nos derradeiros anos da sua vida, Estaline passava ali quase todo

o seu tempo livre. Os terrenos da *dacha* de Kuntsevo incluíam um roseiral, limoeiros e macieiras a ladear um pequeno lago, até mesmo um talhão com melancias que Estaline gostava de cultivar. Dentro de casa, os visitantes eram acolhidos num vestíbulo com vestiários de ambos os lados. Do lado esquerdo, uma porta dava para o gabinete de Estaline, equipado com uma secretária ampla que durante a guerra estivera coberta por mapas. Estaline optava com frequência por dormir num sofá do gabinete. À direita, outra porta dava passagem para um corredor comprido e estreito, com dois quartos do lado direito. O mesmo corredor conduzia a uma extensa varanda aberta onde Estaline por vezes se sentava no Inverno, agasalhado com um gorro de pêlo e um casaco de pele de carneiro, com as tradicionais botas russas de feltro calçadas. A porta central ao fundo do vestíbulo dava para um grande salão rectangular de jantar, em que pontificava uma longa mesa envernizada. Era aí que Estaline realizava banquetes cerimoniais ou recebia o Politburo para reuniões ou ceias tardias. Mobilado de forma modesta, com candelabros típicos e tapetes em tons rosados, os únicos ornamentos nas paredes eram dois grandes retratos, um de Lenine e o outro do escritor Máximo Gorki. O quarto de Estaline situava-se para lá da sala de jantar e acedia-se-lhe através de uma porta que cortava a parede de forma quase invisível. Continha uma cama, dois pequenos aparadores e um lavatório. Havia uma cozinha ampla noutro lado, com um forno de tamanho considerável para cozer pão, instalado por trás de uma divisória de madeira. Quando ataques de neurite radicular deixavam Estaline particularmente desconfortável, ele gostava de se despir e de se deitar numa tábua por cima do forno, na esperança de que o calor lhe mitigasse os sintomas.

O segundo andar, a que podia subir-se por meio de elevador, fora construído para alojar a filha e a família dela, mas não era frequente ela lá estar, e Estaline também raramente

subia. Os dois quartos permaneciam quase sempre vazios e na obscuridade.

A *dacha* estava concebida como um lugar onde Estaline podia descontraí-se, distrair-se com passeios entre as árvores e as roseiras, ou alimentar as aves. Podia receber funcionários do governo e o ocasional convidado estrangeiro, como Mao Tsé-Tung no final da década de 1940, ou Winston Churchill, que ficou instalado na *dacha* na sua primeira visita a Moscovo durante a guerra, em Agosto de 1942. Ofereceu um receptor de rádio a Estaline, que ali ficou. Quando Svetlana Allilúyeva viu pela última vez o pai, as decorações vulgares das paredes pareceram-lhe «estranhas»: «aqueles horríveis retratos de escritores [...], o quadro *Resposta dos Cossacos de Zaporójie*, as fotografias de crianças tiradas de revistas.» Estaline tinha o hábito de recortar fotografias e ilustrações de revistas e depois pendurá-las nas paredes da *dacha*. «Outra coisa que me pareceu bizarra», escreveu a filha, «foi um homem que queria algo para pôr nas paredes nunca ter pensado em pôr lá sequer um dos milhares de quadros que lhe haviam oferecido.» Partiu infeliz depois de ver o pai: ele não parecia estar bem, e a *dacha* deixava-a deprimida.<sup>24</sup>

Estaline não gostava de estar sozinho. Como escreveu Kruschév a respeito dele: «O mais importante era ocupar o tempo de Estaline, para que não sofresse de solidão. Ficava deprimido com a solidão e receava-a.»<sup>25</sup> Contudo, podia sempre convocar o seu círculo mais próximo para lhe fazer companhia. Como acontecia com frequência, naquela noite fatídica de sábado, Malenkóv, Béria, Bulgánine e Kruschév estavam a assistir a um filme com Estaline no Kremlin. Dois outros companheiros de longa data não haviam sido convidados: nem Viachesláv Mólotov nem Anatóis Mikoíán lá estavam. A reputação deles andava sob suspeita.

Depois do filme, os quatro «companheiros de batalha» seguiram de automóvel para Kuntsevo, onde jantariam com

Estaline. Ficaram até ao raiar da manhã. Não era algo invulgar, pois Estaline gostava de os reter por horas insuportavelmente longas, dormindo até tarde no dia seguinte. Mais uma vez, segundo Kruschév, Estaline ficara «bastante embriagado depois do jantar e muito bem-disposto». Acompanhou-os à saída sempre a gracejar, amistososo e a espetar «um dedo brincalhão na barriga [de Kruschév] e a chamar-lhe «Mikita» com sotaque ucraniano. Era um hábito de Estaline quando estava bem-humorado. Regressaram todos alegres a casa» – Béria e Malenkóv num automóvel, e Kruschév e Bulgánine noutro – «porque nada correria mal ao jantar.»<sup>26</sup> Eram cinco ou seis da manhã.

Porém, o dia seguinte, um domingo, não decorreu como esperado. Conforme a rotina de Estaline, os guardas e o pessoal doméstico não esperavam que desse sinais antes das 11 da manhã, talvez só ao meio-dia, quando pediria chá ou pequeno-almoço. Em observância do protocolo de segurança de Estaline, tinham ordens estritas para não entrar nos aposentos dele sem serem chamados, uma disposição que só seria infringida com risco próprio. Contudo, não houve chamada e não parecia haver nenhuma actividade, som de passos ou tosse. Os guardas esperaram. Aperceberam-se de que uma luz se acendeu no quarto nessa tarde. Ao princípio da noite, também as sentinelas no exterior da *dacha* viram luz pela janela. Todavia, continuava a não haver chamada, nem pedido de chá ou comida. Por razões de segurança, Estaline gostava de dormir em quartos diferentes, pensando que isso desorientaria um potencial assassino. Contudo, essa precaução também confundia os guardas, que nunca tinham a certeza de onde ele estava a dormir.

Segundo Kruschév, os guardas não telefonaram para os seus superiores a pedir instruções, nem pensaram em dar o alarme de que algo poderia não estar bem com Estaline. O próprio Kruschév achou estranho não ter notícias de Estaline o dia todo. O silêncio

da *dacha* de Kuntsevo parecia inusitado, mas não há indicação de que Kruschév tenha telefonado a alguém para esclarecer o que se passava. Ele próprio foi-se deitar com relutância.

Às 22 horas, os guardas já estavam tão nervosos, que decidiram arranjar um pretexto para enviar alguém aos aposentos privados de Estaline. Chegara um volume de correio oficial do Kremlin, algo que acontecia diariamente. Estaline tinha de examinar o conteúdo, e os guardas eram responsáveis por mostrá-lo. Decidiram então pedir a uma criada já antiga, Matrióna Petrónna, que lhe levasse o pacote. Era uma mulher já de idade que trabalhava para Estaline havia muitos anos. Parecia-lhes que, se ele se sobressaltasse com a entrada dela no seu quarto, ela seria a menos susceptível de levantar suspeitas.

A mulher encontrou-o estendido no chão da biblioteca, em trajes nocturnos. Estava inconsciente e com a roupa ensopada em urina. Mal conseguia mover os membros. Quando tentou falar, emitiu apenas uma estranha zoadá. Matrióna Petrónna chamou rapidamente os guardas, que o içaram para um sofá próximo. Em desespero, telefonaram ao superior deles, o ministro da Segurança de Estado, Semión Ignátiev. No entanto, também ele ficou demasiado assustado para dar instruções e exortou-os a ligarem para Malenkóv e Béria. Conseguiram falar com Malenkóv, que disse talvez não ser fácil encontrar Béria. Malenkóv conhecia os hábitos de Béria e supunha que ele estivesse com uma amante numa *dacha* secreta. Os guardas não dispunham nem de morada nem de número de telefone para entrar em contacto com ele. Foi Béria quem lhes telefonou e, quando soube das notícias, insistiu que não falassem a ninguém do estado de Estaline. Malenkóv também falou com Bulgánine e Kruschév, e insistiu que fossem à *dacha*.

Mais uma vez, segundo Kruschév, Malenkóv e Béria foram os primeiros a chegar, seguidos pelo próprio Kruschév. Abordaram



Estaline discretamente, fosse por receio de o aborrecer ou não querendo acordá-lo se estivesse realmente a dormir. Estaline ressonava. Nessa altura, Béria assegurou aos guardas que Estaline dormia normalmente e que não devia ser incomodado. Para um leigo, seria difícil distinguir a diferença entre alguém que dorme e alguém que está inconsciente e praticamente paralisado, mas continua a respirar. Era provável que compreendessem que Estaline sofrera algum tipo de episódio clínico grave (os guardas tinham-no encontrado no chão, e todos puderam ver e cheirar como se tinha sujado) e que seria melhor para todos os envolvidos, eles em particular, deixá-lo morrer. Tinha também de se ter em conta que Estaline não consultara médicos durante quase um ano, a não ser um otorrinolaringologista por causa de uma forte constipação em Abril de 1952. Acabara por desenvolver um medo patológico de médicos e ordenara a detenção dos seus próprios médicos pessoais. No rescaldo da Conspiração dos Médicos, Béria e Malenkóv bem podiam ter decidido que, sem uma qualquer prova decisiva de situação de emergência médica, seria melhor para eles evitarem chamar médicos. Se de facto Estaline dormia normalmente, bem podiam decidir esperar até que amanhecesse, quando Estaline acordasse e eles pudessem esclarecer o que acontecera, se alguma coisa fora. De qualquer modo, ninguém chamou de imediato assistência médica. Béria, Malenkóv e Kruschév regressaram a casa. Nessa altura já Estaline estava doente havia pelo menos oito horas, talvez até 18. Nunca saberemos ao certo.

Os guardas, no entanto, continuavam nervosos. Enviaram mais uma vez Matrióna Petróvna para o observar. Ele continuava a dormir, mas parecia uma forma estranha de sono. Telefonaram a Malenkóv para dar conta da sua apreensão. E, mais uma vez, Malenkóv telefonou a Béria, Bulgánine e Kruschév. Só nessa altura decidiram alertar dois outros líderes já antigos do partido, Klíment Vorochílov e Lázár Kaganóvich, e pedir ajuda.

As recordações dessa noite de Kruschév não coincidem com um relato de Alekséi Rýbin, segurança no Teatro Bolshoi, que afirmou ter falado com vários guarda-costas de Estaline (o próprio Rýbin não estava na *dacha*). Segundo Rýbin, os guarda-costas insistiram que Estaline não estava embriagado, que só bebera sumo de fruta antes da partida dos convivas por volta das quatro da manhã. Rýbin escreveu também como o facto de Estaline não ter pedido pequeno-almoço nem chá ao longo de todo o dia seguinte enervou os guardas de serviço, mas que não foi Matrióna Petrónna quem foi mandada verificar. O comissário auxiliar para a *dacha*, Piótr Lozgachév, tomou em suas próprias mãos levar o correio a Estaline e verificar se estava bem. Foi Lozgachév quem encontrou Estaline deitado no tapete, com o corpo apoiado desajeitadamente num cotovelo. Estaline estava quase inconsciente, mal conseguia falar, mas ergueu uma mão e respondeu com um aceno de cabeça quando Lozgachév se propôs içá-lo para o sofá. Lozgachév informou rapidamente os outros elementos de serviço.

Enquanto os guardas esperavam pelo auxílio médico, decidiram mudar Estaline para um divã próximo e tapá-lo com um cobertor. Ele tinha o corpo frio, e eles conjecturaram que ele tivesse caído umas sete ou oito horas antes. Lozgachév permaneceu com ele, sempre à escuta para ver se chegava o carro com os médicos. Em lugar disso, porém, foram Béria e Malenkóv quem apareceu na *dacha* por volta das três da manhã. Abordaram Estaline com cautela; Malenkóv tirou-lhe os sapatos, ficando com eles na mão. Tal como na descrição de Kruschév, Estaline ressonava, não lhes dando razão para pensarem que os guardas tinham entrado em pânico. Mesmo quando Lozgachév os tentou convencer de que Estaline estava gravemente doente, Béria insistiu que ele dormia normalmente e rejeitou quaisquer preocupações com a saúde dele, repreendendo os guardas por os incomodarem e chegando a pôr em causa a capacidade deles para estarem ao

serviço de Estaline, pelo menos segundo Rýbin. Sem o assentimento daqueles líderes do partido, os guardas não tinham coragem para tomar a iniciativa de chamar médicos. Não iam desafiar Béria.<sup>27</sup> Como observou a escritora Nadéjda Mandelstam: «Estaline inspirava tal terror, que ninguém se atrevera a entrar até ser já demasiado tarde.»<sup>28</sup>

Apesar de Estaline ter aplicado em pleno os recursos do seu império a proteger-se, todas essas precauções só serviram para aumentar a sua vulnerabilidade. Quando ele desmaiava, as suas disposições de segurança dificultavam que o seu pessoal soubesse o que se passava, como prestar-lhe assistência ou pedir ajuda. O motorista dele seguia itinerários diferentes entre o Kremlin e a *dacha*. O cortejo de cinco limusinas idênticas, nenhuma com chapa de matrícula, seguia caminho pelos vinte quilómetros de estrada entre o Kremlin e a *dacha*, com os condutores a ultrapassarem-se continuamente para desencorajarem qualquer potencial assassino. Centenas de agentes patrulhavam os terrenos da *dacha* com pastores-alemães. Havia múltiplas trancas nos portões e fiadas duplas de arame farpado em torno do complexo, bem como guarda-costas entre o pessoal doméstico. Nenhuma dessas camadas de segurança pôde impedir que ele ficasse prostrado durante horas na sua própria urina, paralisado e sem capacidade para gritar.

Enquanto Estaline estava ali moribundo, os sucessores definiram um regime para supervisionar os cuidados que lhe seriam prestados: Lavrénti Béria e Gueorgui Malenkóv durante o dia, Lázar Kaganóvich e Mikhaíl Pervúkhin, Klíment Vorochílov e Maxím Sabúrov, Nikíta Kruschév e Nikolái Bulgánine ao longo da noite, um par deles sempre disponível a todas as horas. Béria foi quem teve mais iniciativa na *dacha*, levando Malenkóv para o segundo andar, onde podiam falar com discrição. Reinava ali a tranquilidade e estavam afastados da actividade frenética lá em

baixo. Durante muitas horas, fizeram planos para um governo remodelado que em breve tomaria posse. Kruschév estava bem ciente da energia de Béria e da sua sede de poder. Segundo as suas memórias, Kruschév advertiu Bulgánine, durante a vigília nocturna, de que Béria estava a lançar a rede para recuperar o domínio da polícia secreta «com vista a destruir-nos, e fá-lo-á, se o deixarmos».<sup>29</sup> De momento, porém, e por vários meses que se seguiriam, todos acordaram trabalhar em conjunto e projectar uma imagem de unidade produtiva. Atento e circunspecto, Kruschév aceitou a necessidade de ser paciente.

Apesar de Estaline estar inconsciente, o medo e a ansiedade continuavam a atormentar toda a gente em redor dele. Os médicos tinham até temor de se aproximar do seu paciente. Kruschév viu como o professor Pável Lukomski se abeirou de Estaline «com muita cautela [...] e lhe tocou na mão como se fosse um ferro em brasa».<sup>30</sup> Também Rýbin contou como as mãos dos médicos tremiam, a ponto de não conseguirem tirar a camisa a Estaline e terem de a cortar com tesouras. Uma jovem médica fez um cardiograma e declarou rapidamente que Estaline sofrera um ataque cardíaco. Embora os outros médicos suspeitassem de hemorragia cerebral, estavam aterrados com as possíveis repercussões se não detectassem a ocorrência de ataque cardíaco. Contudo, nessa altura a médica foi-se embora da *dacha*, e ninguém questionou mais nada. Com os jornais a invectivarem uma conspiração para assassinar líderes do Kremlin, nenhum médico tinha a certeza de que não viria a ser responsabilizado pelo falecimento de Estaline.

No entanto, o estado de Estaline estava para lá dos limites do que eles podiam tratar com eficácia. O ataque deixara-o inconsciente, com o braço e a perna direitos paralisados. Numa nota que descrevia o resultado dos seus exames iniciais, os médicos incluíram diversos pormenores que não foram partilhados com o público. O fígado de Estaline avolumara-se gravemente,

apresentando uma protuberância de vários centímetros entre as costelas. O cotovelo direito estava visivelmente pisado e inchado, indício evidente de como caíra. Quando lhe levantaram as pálpebras, os globos oculares movimentaram-se para a esquerda e para a direita, revelando não ter controlo da focagem. Confrontados com estes sintomas, recomendaram os seguintes tratamentos: repouso absoluto; a aplicação de oito sanguessugas medicinais nos ouvidos; uma compressa fria na cabeça, um clister de leite de magnésia; e a remoção dos dentes postiços. Recomendaram também que não se fizessem tentativas de o alimentar, mas que fluidos, como sopa e chá açucarado, podiam ser-lhe cuidadosamente introduzidos na boca com uma colherzinha, desde que não estivesse com vômitos. Devia estar continuamente sob vigília, com a presença de um neurologista, um terapeuta e enfermeiros.<sup>31</sup>

Todavia, os adjuntos de Estaline decidiram não informar a população. Na terça-feira de manhã, 3 de Março, pediram um prognóstico definitivo aos médicos. «A morte era inevitável», responderam-lhes, segundo o relato de Aleksándr Miasnikóv. «Malenkóv deixou claro que contara com essa conclusão, mas declarou também que esperava que as medidas médicas pudessem prolongar-lhe a vida tempo suficiente, mesmo que não conseguissem salvá-lo. Percebemos que se referia à necessidade de dispor de tempo para organizar um novo governo e, em simultâneo, preparar a opinião pública.»<sup>32</sup> Os médicos cooperaram o melhor que puderam.

Sabemos agora que se consultavam outros especialistas. Um dos médicos judeus aprisionados, Iákov Rapopórt, patologista muito reputado, contou mais tarde como os seus interrogadores se tornaram subitamente solícitos. Começaram a pedir-lhe conselhos médicos sobre como melhor tratar uma vítima de hemorragia cerebral, a querer saber o que era a «respiração de Cheyne-Stokes» e como podia ser controlada. «É um sintoma

grave, muitas vezes associado às agonias da morte», disse-lhes Rapopórt, «e na maioria dos casos a morte é inevitável.» Os interrogadores também perguntaram se podia recomendar um especialista para tratar uma «pessoa importante». Nesse campo, Rapopórt estava em desvantagem: «Ignorava quais dos maiores especialistas continuavam ainda em liberdade.» Quando o interrogador insistiu em saber as suas recomendações, Rapopórt indicou nove médicos, que afinal estavam todos detidos como ele. Soube mais tarde que pelo menos dois outros médicos aprisionados no âmbito do processo da Conspiração dos Médicos também haviam sido consultados. Contudo, o ataque fora demasiado grave para que o aconselhamento deles fizesse alguma diferença.<sup>33</sup>

Os filhos de Estaline, Svetlana Allilúyeva e Vassíli Estaline, foram levados à presença dele. Svetlana foi contactada quando estava na aula de francês e disseram-lhe que Malenkóv queria que ela fosse à *dacha* de Kuntsevo. «Não havia precedentes de alguém, a não ser o meu pai, pedir-me que fosse à *dacha*. Fui com uma estranha sensação de intranquilidade.» Foi só quando ela viu Kruschév e Bulgánine diante da casa que percebeu a gravidade da situação. Ambos choravam quando a convidaram a entrar, para que Malenkóv a pusesse a par de todos os pormenores. Ao ouvi-los, ela julgou que o pai já falecera.

A *dacha*, habitualmente sossegada, fremia de actividade, um turbilhão caótico de ansiedade em redor de um Estaline inerte. «Havia uma enorme multidão concentrada no grande salão onde o meu pai estava deitado», escreveu Svetlana. «Médicos que eu não conhecia, que o examinavam pela primeira vez [...] entregavam-se a grande azáfama, a aplicar-lhe sanguessugas no pescoço e na nuca, a realizarem cardiogramas e a radiografarem-lhe os pulmões. Uma enfermeira ia-lhe dando injeções, e um médico registava tudo num bloco de notas. Tudo estava a ser feito como devia ser.»<sup>34</sup>

Segundo Kruschév, só Béria se comportava de maneira indigna e ofensiva. «Logo que Estaline adoeceu, Béria começou a vomitar ódio contra ele e a troçar dele», escreveu Kruschév. «O mais interessante, porém, foi que, mal Estaline deu [...] sinais de recobro de consciência e nos levou a pensar que poderia convalescer, Béria deixou-se cair de joelhos, agarrou a mão de Estaline e beijou-a. Quando Estaline voltou a perder os sentidos e fechou os olhos, Béria levantou-se e cuspiu.»<sup>35</sup> Claro que Kruschév tinha muitas razões para denegrir a reputação de Béria, e bem pode dar-se o caso de a descrição dele ser exagerada, senão completamente forjada. Todavia, Svetlana também recordou que o comportamento de Béria foi «muito próximo do obsceno».<sup>36</sup>

Nas suas memórias, Svetlana recordou ainda como fora inesperadamente terna e afectuosa com o pai ao vê-lo no leito de morte. Pensara no amor dele por ela e pelos irmãos quando eram criancinhas, e nos pesados fardos que o cargo lhe impunha, como se sentira despojada ao vê-lo moribundo, como segurava a mão dele, lhe beijava a fronte e lhe acariciava o cabelo. O comportamento dela era aquele que se esperaria de cada filho adulto perante a morte iminente de um pai. E, no entanto, ela não era uma filha vulgar, nem ele era um pai vulgar.

Vassíli, o irmão, sentou-se perto. «Mas estava embriagado, como era frequente nessa altura, e foi-se embora cedo», lembrava-se Svetlana. «Continuou a beber e armou uma zaragata nos aposentos dos criados. Infernizou os médicos e gritou que eles tinham matado ou estavam a matar o nosso pai. Por fim, voltou para casa.»<sup>37</sup> Os jornais soviéticos gostavam de afirmar que Vassíli Estaline servira com distinção como piloto de caça na Segunda Guerra Mundial, tendo participado em duas dezenas de incursões contra os Alemães e abatido aviões inimigos. Fosse ou não verdadeiras as histórias do seu heroísmo (e é duvidoso que fossem), ele depressa subiu na hierarquia depois da

guerra, tirando partido da sua ligação paterna. Vassíli tornou-se comandante da Força Aérea na Divisão Militar de Moscovo em 1948, com relevo suficiente para figurar na capa da *Time* de 20 de Agosto de 1951, reconhecido como tenente-general e «pequeno vigilante» do pai. Talvez os editores estivessem a especular que Vassíli lhe sucederia. Não se sabe se Estaline alguma vez teve tais planos para o filho. Estaline também o repreendia impiedosamente, em particular numa ocasião em que tomou conhecimento de que o método de pescar de Vassíli, numa viagem à Polónia, era atirar granadas de mão para a água. Vassíli reteve o seu posto até ao Verão de 1952, quando foi afastado devido a um acidente na parada do Primeiro de Maio. Contra ordens dos seus superiores, insistira que a Força Aérea prosseguisse com os voos de exibição, não obstante o tempo estar demasiado ventoso e enublado. Os pilotos não conseguiram conservar a formação, e os aviões «quase raspam os pináculos do Museu de História» na Praça Vermelha. O próprio Estaline assinou a ordem a demitir o filho da respeitada posição.<sup>38</sup>



Em Março de 1953, não era fácil difundir informações sobre a situação clínica de Estaline. Apesar de os repórteres ocidentais em Moscovo, incluindo o grupo solitário de seis correspondentes norte-americanos, terem recebido um comunicado da agência Tass acerca de Estaline, continuavam a confrontar-se com um controlo rigoroso. Os telefonemas para as sedes dos seus empregadores só podiam ser feitos através do Gabinete Central de Telegrafia, no interior da cidade. Não havia instalações de telex, linhas telefónicas que pudessem ser usadas à margem de um operador ou meios independentes de alertar o mundo. Eddy Gilmore, da Associated Press, lembrou a confusão daqueles dias



e noites na Baixa de Moscovo. Nas suas memórias escritas, *Me and My Russian Wife*, recordou isto:

O espaço que tínhamos para trabalhar era uma sala com cerca de oito metros de comprimento por quatro de largura. Continha três cabinas telefónicas para realizar chamadas internacionais, algumas secretárias de madeira baratas e um telefone de moedas para chamadas locais, fixo na parede a norte. [...] Todos os correspondentes ocidentais estavam ali, na mesma sala, a matraquear a história da doença de Estaline. Tínhamos um comunicado oficial da Tass para nos guiarmos, e o censor passava o tempo a verificar os nossos textos, que lhe enviávamos parágrafo a parágrafo. Abria-se uma linha para Londres e, mal conseguíssemos um parágrafo aprovado pelo censor, transmitíamo-lo por telefone. [...] Não era que não trabalhássemos com rapidez suficiente, porque ali estávamos sentados, com os nossos telegramas redigidos e já entregues ao censor. O problema era que também ele estava sentado... em cima dos nossos telegramas. Quando a Rádio Moscovo dava as primeiras notícias, o nosso texto começava então a ser transmitido.<sup>39</sup>

Tirando partido das diferenças horárias, o *New York Times* pôde informar os seus leitores da doença de Estaline ainda nesse mesmo dia. Uma manchete a quase toda a largura da primeira página anunciava: «Estaline Gravemente Doente após Apoplexia. Parcialmente Paralisado e Inconsciente. Moscovo Revela a Sua Apreensão.»<sup>40</sup> Harrison Salisbury acrescentou outros pormenores do que ia vendo nas ruas da capital:

Ninguém sabe quando sairá o próximo boletim clínico. As telefonias estão constantemente ligadas. Havia longas filas junto dos quiosques – uma centena de pessoas, ou mais – para comprar jornais. Muitos crentes tinham-se metido nas igrejas para rezar

por Estaline. O patriarca emitiu uma proclamação geral a pedir orações por Estaline e vai ele próprio conduzir uma missa solene na Catedral de Ielokhóvski. Às 19 horas, o principal rabino realizará cerimónias especiais na Sinagoga Coral.

Algumas horas depois, Salisbury acrescentou ainda mais pormenores no seu diário:

O rabino pediu para amanhã um dia de jejum e oração entre a comunidade judaica, dedicado a que seja poupada a vida de Estaline.

Na enorme catedral, o patriarca apelou a Deus para que poupasse a vida de Estaline. A congregação entoou em coro: «Ámen.» Os acólitos ergueram a Bíblia no seu cofre dourado, e o patriarca, com o báculo de ouro e a túnica ouro e púrpura, caminhou pelo meio da multidão de crentes em oração. Em volta dos altares, centenas de velas minúsculas ardiam como estrelas douradas de esperança. Esta cena repetiu-se de uma forma ou de outra por toda a Rússia.<sup>41</sup>

Ia a noite a meio quando as notícias da apoplexia de Estaline chegaram a Washington. Nem o presidente Dwight Eisenhower nem o secretário de Estado John Foster Dulles foram avisados com qualquer urgência da situação de Estaline. Allen Dulles, director da CIA (e irmão mais novo de Foster Dulles) telefonou a James Hagerty, assessor de imprensa de Eisenhower, para informar a Casa Branca. Porém, em vez de acordar o presidente, que instruíra o pessoal para só o acordar com informações que exigissem «actuação imediata»<sup>42</sup>, Dulles e Hagerty discutiram durante uma meia hora se deviam ou não acordar o presidente, até decidirem que, não se impondo nenhuma decisão rápida relativa à doença de Estaline, não havia necessidade de o chamar.

Só uma hora mais tarde, às seis da manhã, quando habitualmente se levantava, foi Eisenhower informado. Um telefonema para casa de Foster Dulles teve idêntico efeito. Quando funcionários do Departamento de Estado ligaram, atendeu um mordomo a informar que o secretário de Estado estava ainda a dormir. Em lugar de o acordar cedo, combinaram que o mordomo informaria Foster Dulles quando ele se levantasse mais para o fim da manhã.

Eisenhower, que tomara posse como presidente em Janeiro, debateu arduamente com os seus conselheiros mais próximos a maneira de reagir à doença de Estaline. Chamou Allen Dulles à Casa Branca para uma reunião às sete e meia da manhã. Junta-ram-se-lhes Hagerty, C. D. Jackson, que era assessor especial do presidente para a estratégia de guerra psicológica, e o general Robert Cutler, que chefiava a comissão de planeamento do Conselho Nacional de Segurança. Eisenhower via que a morte provável de Estaline podia oferecer uma boa oportunidade para os Estados Unidos e queria agir rapidamente, emitir uma declaração e pôr em marcha algum tipo de acção. «Ora bem, o que acham que podemos fazer quanto a isto?», desafiou-os ele.<sup>43</sup> Contudo, os conselheiros não tinham nada de concreto a propor. Incapaz de se pôr de acordo quanto ao caminho a seguir, o grupo convocou uma reunião geral do Conselho Nacional de Segurança, que convergiu para a Casa Branca ainda nessa manhã.

Enquanto Estaline jazia moribundo na manhã de 4 de Março, Eisenhower presidia a uma reunião de altos responsáveis e pedia-lhes opinião sobre o tipo de declaração a levar a público. A discussão revelou um pressuposto fundamental que atormentaria a administração nos meses seguintes. Foster Dulles, o vice-presidente Richard Nixon e o próprio Eisenhower pensavam que «a situação pode até ficar pior depois da morte de Estaline». Essa seria, de facto, uma reacção comum à morte de Estaline, incluindo na União Soviética, e levava os

conselheiros do presidente a recomendarem-lhe que não falasse publicamente naquele momento. Não obstante, Eisenhower continuava convencido da necessidade de alguma espécie de comentário público. Foster Dulles recordou que Calvin Coolidge não comentara a morte de Lenine em Janeiro de 1924. Talvez fosse melhor «não emitir nenhuma declaração», aconselhou Foster Dulles, pois seria uma «aposta» desnecessária e «poderia ser interpretado como um apelo ao povo soviético enlutado para que se revoltasse contra os seus líderes». Apesar da sua reputação de ser partidário da linha dura, o secretário de Estado acreditava que a administração devia adoptar uma abordagem cautelosa e não parecer capitalizar um momento de tensão profunda e indefinida. No entanto, Eisenhower mantinha-se intransigente, deixando para outros a redacção de uma declaração em seu nome. Seria divulgada mais para o fim da tarde.<sup>44</sup>

Os antigos presidente Harry Truman e primeiro-ministro Winston Churchill, recordando a aliança do tempo de guerra com o Kremlin, expressaram rapidamente a sua mágoa pessoal pela doença de Estaline. Churchill chegou a enviar o seu secretário privado à embaixada soviética em Londres, para transmitir a sua preocupação. De sua casa em Kansas City, no Missouri, Truman chamou a Estaline «um tipo decente». «Claro que lamento saber do problema dele», disse Truman à imprensa. «Nunca fico satisfeito com a ruína física de ninguém. [...] Conheci muito bem o Joe Stalin e gostava do velho Joe. [...] Mas o Joe é um prisioneiro do Politburo. Não pode fazer o que quer.» Ou pelo menos era nisso que Truman acreditava, um equívoco que Eisenhower parecia partilhar.<sup>45</sup>

Contudo, pelo menos publicamente, Eisenhower e Foster Dulles resistiram a quaisquer delicadezas no que tinham a dizer. Eisenhower, que em 1945 se encontrara com Estaline em Moscovo, não manifestou nenhuma comiseração pelo estado de saúde dele. Como Eisenhower evocou nas suas memórias, sabia que

Estaline era «um ditador absoluto [...] e que a sua influência funesta se fazia sentir em todo o mundo».<sup>46</sup> A declaração oficial dele, dirigida ao povo soviético, tinha um tom religioso e não referia Estaline pelo nome.

Neste momento da história, em que multidões de russos estão em pesar ansioso pela doença do dirigente de Estado soviético, os pensamentos da América estão todos centrados no povo da URSS (nos homens e nas mulheres, nos rapazes e nas raparigas), nas aldeias, cidades, quintas e fábricas da sua pátria.

São filhos do mesmo Deus, que é Pai de todos os povos em toda a parte. E, como todos os povos, os milhões de habitantes da Rússia partilham do nosso desejo por um mundo mais amistoso e pacífico.

Qualquer que seja a identidade das personalidades que governam, a oração que nós, Americanos, continuamos a enunciar é para que o Todo-Poderoso cuide do povo desse vasto país e lhe conceda, na Sua sabedoria, a oportunidade de conduzir as suas vidas num mundo em que todos os homens, mulheres e crianças encontrem paz e camaradagem.<sup>47</sup>

O embaixador indiano em Moscovo, K. P. S. Menon, leu a declaração enviada por Washington. Como escreveu no seu diário: «A história não regista nenhuma tentativa mais hipócrita de introduzir uma cunha entre um povo e o seu dirigente no momento da morte deste.» Menon era sensível ao modo como as tensões da Guerra Fria comprometiam o protocolo diplomático. Porém, o efeito da morte de Estaline sobre a sociedade soviética foi na mesma imediato e tonificante, «como se uma bandeira de janela se abrisse subitamente num quarto abafado e deveras sufocante». Foi o tom da mensagem emitida por Washington que o surpreendeu.<sup>48</sup>

O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Anthony Eden, já chegara a Washington no princípio da semana. (Por insistência de Churchill, Eden tencionava encorajar Eisenhower a encontrar-se com Estaline.) Tinha agendado reunir-se com o presidente na sexta-feira, mas nessa quarta-feira Eden esteve quase uma hora com Eisenhower e Foster Dulles, ao fim do dia, e depois de Dulles sair, Eisenhower e Eden prosseguiram com a reunião por mais meia hora. Toda esta actividade invulgar reflectia a combinação de apreensão e promessa que a provável morte de Estaline representava para os Estados Unidos e seus aliados. Eisenhower e Eden concordaram, segundo a *Newsweek*, «que durante os três a seis meses seguintes, o Ocidente não deveria esperar nenhuma surpresa sensacional de Moscovo», uma suposição que depressa se revelou errada.<sup>49</sup>

Embaixadas norte-americanas começaram a informar o Departamento de Estado sobre a reacção ao colapso de Estaline. Na Venezuela, circulou o boato de que Estaline já morrera, e a embaixada, confusa a respeito do que fazer (o governo da Venezuela não mantinha relações diplomáticas com a União Soviética), interrogou-se se deveria pôr a bandeira dos Estados Unidos a meia haste, uma questão que deixaria os funcionários norte-americanos atormentados nos cinco dias que se seguiram. De Bruxelas, a embaixada partilhou uns versos trocistas escritos por um funcionário norte-americano, na esperança de animar o dia de Charles Bohlen, o novo embaixador indigitado para Moscovo, que estava a meio das audições de confirmação em Washington:

O Tio Joe está de molho  
 A cabeça o sangue lhe afoga  
 Se já não marcha nem palra  
 Quem chefia agora os comunistas?<sup>50</sup>

De Bona, diplomatas dos Estados Unidos citaram o conselho de um «especialista em União Soviética» da Alemanha Ocidental, Klaus Mehnert, que instou à cautela na reacção das potências ocidentais. «O primeiro objectivo do Ocidente será nada fazer que alivie a tensão das contradições internas e das disputas no interior do Kremlin. Declarações ocidentais que possam ser interpretadas pelo Kremlin como ameaças ou regozijo mesquinho servirão para unir o povo soviético», observava o telegrama. «A morte de Estaline não (repetimos: não) deve ser ocasião de júbilo ocidental, nem de alívio por a situação internacional se acalmar. [Mehnert] suspeita de que Estaline tem exercido uma influência de contenção e, até que fique clara a política a adoptar por Moscovo, tem exortado a sua própria gente a usar da máxima circunspecção em qualquer anúncio da opinião oficial de Bona. «Em suma», concluía o telegrama, «a opinião alemã bem informada, mas não (repetimos: não) necessariamente generalizada, pode sintetizar-se na observação “é melhor um demónio que se conhece do que um desconhecido”.» Mehnert, como tantos outros, acreditava que, sem Estaline, a situação interna da União Soviética e as suas relações com outros Estados podia tornar-se mais tensa e perigosa.<sup>51</sup>

John Foster Dulles sentiu necessidade de clarificar como deviam comportar-se os diplomatas norte-americanos. O telegrama dele dirigido à embaixada em Moscovo instruía os diplomatas dos Estados Unidos para «se orientarem por procedimentos protocolares mínimos. Não devem (repeto: não devem) enviar nenhuma mensagem individual ao Ministério dos Negócios Estrangeiros até receber novas instruções».<sup>52</sup>

De Munique, chegou um telegrama ao Departamento de Estado a advertir contra «diatribes dirigidas ao papel perverso [de Estaline] ou a especular sobre uma contenda pelo poder. Na mesma linha, nada contribuirá mais para a incerteza,

desunião e desconfiança do Kremlin do que um silêncio de mau agouro das fontes oficiais. Uma tal acção não exclui que outras fontes enfatizem a impossibilidade de encontrar alguém com envergadura suficiente para lhe ocupar o lugar. Em resumo, não suscitar uma reacção de união, mas deixar que o fermento actue». <sup>53</sup> Partindo do princípio de que as autoridades soviéticas e a sociedade em geral se confrontariam com «confusão e incerteza [...] num império que se apoiava tão pesadamente na ditadura de um só homem», falou-se também em Washington de lançar folhetos em cidades soviéticas, com o texto da mensagem de solidariedade de Eisenhower ao povo soviético e a «oração pela sua liberdade». Os responsáveis de Washington reflectiam também em maneiras de encorajar Mao Tsé-Tung a «romper com o Kremlin». <sup>54</sup> É compreensível que os decisores políticos norte-americanos sonhassem com envenenar os altos responsáveis soviéticos nesse momento de transição, mas as ideias que alimentavam – enviar uma mensagem de condolências com ressonâncias religiosas, a recusa de manifestar satisfação por Estaline estar moribundo, baseada numa convicção estratégica de que o silêncio teria maior impacto nos nervos deles, pensar que podiam abrir uma brecha entre Mao Tsé-Tung e o Kremlin – pareciam irremediavelmente ingénuas.

A classe diplomática norte-americana também estava em transição. Jacob Beam era encarregado de negócios em Moscovo. Diplomata com experiência e competente, servira na Alemanha nazi na década de 1930 e depois em Londres, durante a guerra, a que se seguiram colocações na Indonésia e na Jugoslávia, antes de seguir para a União Soviética. Desde Outubro de 1952 que George Kennan já não estava na capital soviética: o Kremlin declarara-o *persona non grata* por causa de comentários que fizera em público sobre a vida no regime de Estaline, comparando as condições na Moscovo de Estaline às suas experiências na Berlim de Hitler.



O sucessor dele, Charles Bohlen, permaneceu em Washington a aguardar a conclusão das suas audições de confirmação, que o senador Joseph McCarthy andara a protelar devido a preocupações dúbias relativas ao trabalho anterior de Bohlen no Departamento de Estado, em particular quanto ao seu cargo de tradutor durante a conferência de Ialta em 1945.<sup>55</sup>

Beam, que não falava russo, prestava contas directamente a Foster Dulles em Washington e aguardava instruções, enquanto iam passando os dias com os seus desenvolvimentos imprevistos.<sup>56</sup> Ao meio-dia de 5 de Março, Beam fez saber a Foster Dulles que «os embaixadores britânico e francês apresentaram pessoalmente condolências no Ministério dos Negócios Estrangeiros pela doença de Estaline, bem como os chefes de missão escandinavo, argentino e belga». Prosseguia advertindo Foster Dulles de que o decano do Corpo Diplomático planeava enviar uma mensagem de condolências, em caso de morte de Estaline, «da parte do corpo diplomático, acompanhada de uma coroa de flores». Seria também habitual «desfraldar as bandeiras a meia haste no dia da morte e no dia do funeral, mas, se fosse decretado um período oficial de luto entre as duas datas, ele propunha conservar as bandeiras a meia haste também nesse período. Espero que possamos concertar a nossa prática com a de Britânicos e Franceses». Foster Dulles respondeu rapidamente, confirmando a Beam que ele devia coordenar a reacção dos Estados Unidos com a desses países.<sup>57</sup>

Foster Dulles continuava ansioso por notícias, com um «interesse urgente» pela «reacção popular na URSS e satélites» a doença de Estaline.<sup>58</sup> Na Alemanha, diplomatas norte-americanos começaram a testemunhar agitação entre as autoridades e a população. Surgiram rumores de que o vice-primeiro-ministro da Alemanha Oriental, Walter Ulbricht, partira para Moscovo, ao mesmo tempo que a United Press noticiava que dirigentes

comunistas por toda a Europa de Leste estavam a ser convocados para a capital soviética. De Berlim, responsáveis norte-americanos observaram como muitos «berlinenses e alemães orientais [estavam a ir] para Berlim Ocidental com o fim específico de obter notícias fiáveis acerca de Estaline, para saber se chegara o momento de ir buscar garrafas de vinho que haviam guardado para essa ocasião especial».<sup>59</sup>

O governo da Jugoslávia, que rompera com o Kremlin em 1948 e resistia a ameaças à sua existência, mal conseguia disfarçar a alegria. O regime comunista do marechal Josip Broz Tito percebeu que os sucessores de Estaline só anunciavam a doença dele porque a morte iminente era inescapável. A Rádio Belgrado difundiu um comentário às 17 horas de 4 de Março, sob o título «Estertor da morte na goela do maior ditador do mundo». Para Tito, «a natureza [foi] aliada da justiça».<sup>60</sup>

À meia-noite, quando começava a quinta-feira, 5 de Março, Salisbury enviou uma mensagem codificada aos seus editores, desta vez para confirmar que estava a ser imposta censura quanto ao assunto da saúde de Estaline e que seria, portanto, difícil dar alguma informação que fosse além do conteúdo dos comunicados oficiais. Duas horas mais tarde, saiu um segundo boletim médico. Confirmava o que todos percebiam estar prestes a acontecer. Os médicos informavam que a saúde de Estaline estava cada vez mais frágil. Observavam que a respiração de Cheyne-Stokes, uma perturbação geralmente presente nos pacientes em estado de coma, se tornava mais frequente. «O estado da circulação sanguínea deteriorara-se, e aumentara o grau de carência de oxigénio.»<sup>61</sup> Como haviam feito antes, os médicos forneceram dados relativos ao débito cardíaco dele, à temperatura ligeiramente elevada e à tensão arterial perigosamente alta. As medidas terapêuticas deles incluíam: colocar-lhe uma máscara de oxigénio quando a respiração se tornasse esforçada, alimentá-lo por via intravenosa

com uma solução de glucose, visto estar comatoso e não conseguir comer, aplicar sanguessugas para ajudar a reduzir a tensão arterial, injectar penicilina para proteger da pneumonia, cafeína para lhe estimular o sistema nervoso e compostos de cânfora para lhe fortalecer o coração. Tudo aquilo eram procedimentos padrão na época, embora em 1953 o uso de cânfora para o tratamento de afecções cardíacas estivesse praticamente ultrapassado entre os médicos ocidentais, tal como a aplicação de sanguessugas para reduzir o volume de sangue no corpo e, conseqüentemente, a pressão. No Ocidente, os médicos poderiam ter picado uma veia, um meio mais fácil e talvez mais eficaz de drenar sangue lentamente. Os médicos de Estaline poderão ter pensado que o uso de sanguessugas «persuadiria até os russos mais antiquados de que nada que pudesse salvá-lo deixaria de ser feito», como comentou a revista *Time*.<sup>62</sup> Não obstante, todos os esforços deles foram irremediavelmente ineficazes. Ainda assim, isso não impediu Harrison Salisbury de comentar, com um certo grau de hipérbole, que «se empregaram todos os recursos e tratamentos conhecidos da medicina moderna».<sup>63</sup> Com os olhos do mundo postos em Moscovo, prosseguiu a vigília da morte. Ao ler a cobertura noticiosa em diversos jornais e vendo como era pouco o que havia para dizer, o grande jornalista da *New Yorker* A. J. Liebling não conseguiu conter o seu sentido de ironia. «O interregno entediante que o velho bolchevique consentiu que mediasse entre a síncope e o falecimento deixa à beira do ataque de nervos até o vidente profissional mais austero, que teve de começar a explicar o significado da sua morte e depois continuar a inventar exegeses até ele estar finalmente no túmulo.» Para Liebling, Estaline teve «o mau gosto de morrer às prestações», levando os editores a cumprirem prazos para uma grande história, com muito pouca informação relevante para oferecer.<sup>64</sup>

Numa conferência de imprensa em Washington, nessa quinta-feira, o presidente Eisenhower reconheceu que ele e os

seus conselheiros mais próximos tinham andado a discutir o possível efeito do desaparecimento de Estaline do cenário político de Moscovo, mas que, depois de muito intercâmbio de ideias, «acabaram em grande medida na estaca zero». Em resposta a perguntas, Eisenhower deu consigo a dar largas a preocupações mais substanciais do que talvez fosse sua intenção. Um jornalista questionou-o acerca da campanha recente e perversa do Kremlin dirigida contra os Judeus. Eisenhower respondeu de forma franca. «Assumindo uma expressão muito séria, o Sr. Eisenhower declarou que era evidente que deplorava a ascensão do anti-semitismo. Era de partir o coração, acrescentou, sobretudo para alguém como ele que sabia algo dos campos do horror [nazi] da Segunda Guerra Mundial e vira os judeus sobreviventes que haviam sido flagelados por Hitler. Pensar que esse tipo de coisa voltava a acontecer, prosseguiu o presidente, era angustiante, e uma pessoa na posição de presidente dos Estados Unidos não sabia realmente se devia dizer algo acerca disso publicamente, não fossem as suas palavras ser usadas como pretexto para tornar as coisas ainda mais difíceis para os Judeus.»<sup>65</sup> Mas sim, ele propusera encontrar-se com Estaline se essa cimeira contribuísse para fazer progredir a causa da paz mundial, e a oferta permanecia na mesa para qualquer dirigente soviético que lhe sucedesse. Todavia, o *New York Times* acrescentava que «[havia sido] enviadas directivas à Voz da América para difundir as notícias da doença fatal de Estaline», evitando ao mesmo tempo qualquer especulação relativa a um possível sucessor.<sup>66</sup>

Enquanto autoridades públicas e a imprensa mundial reflectiam sobre as notícias, os prisioneiros do *gulag* ficavam também a saber da apoplexia de Estaline. O escritor Lev Razgón estava a meio de uma pena de 18 anos nos campos. Recordou mais tarde:

Portanto, consegui finalmente chegar àquele dia em Março em que, de súbito, ouvimos aquela música celestial nos altifalantes. Bach, Händel, Beethoven e, em seguida, o anúncio sobre o estado de saúde. Lembro-me de como todos corremos para a enfermaria do acampamento e os médicos o discutiam entre eles e nos disseram o que poderíamos esperar. O director médico, o assistente dele e o enfermeiro, que eram naturalmente todos condenados, entraram na sauna para ter uma reunião. Nós, entretanto, permanecemos todos comprimidos no vestiário, com os dentes a matraquear de ansiedade. Estiveram reunidos cerca de vinte minutos, e depois saiu o director médico. Era um professor, homem muito instruído. Vinha radiante e disse: Ouçam, malta, o filho da mãe está acabado. Não se safava. E começámos a beijar-nos uns aos outros.<sup>67</sup>

Em Moscovo, os correspondentes da imprensa ocidental faziam o que podiam para apanhar qualquer indício de informação entre as actualizações oficiais. Eddy Gilmore, da Associated Press, ficou com memórias difíceis dessa semana. «Não desenvolvi aqui em pormenor essas longas noites sem dormir que todos passámos na Central de Telegrafia. Muitas horas sem comer. Dias a fio sem dormir em condições. Diga-se, em abono inquestionável de cada correspondente em Moscovo, que nenhum abandonou o seu posto. Os nervos ficaram sob tensão, e praguejávamos e gritávamos uns com os outros. Por várias vezes quase houve cenas de pugilato. O problema era aquele telefone. Eram só duas as linhas para o Ocidente, e havia seis correspondentes. Alguém tinha de ser o último, e todos tentavam ser o primeiro.»

Ao longo desses dois dias em que o mundo tomou consciência de que Estaline jazia moribundo, Gilmore «tomou como [seu] dever atravessar a Praça Vermelha [...] pelo menos 10 a 15 vezes a cada dia e noite». Via continuamente automóveis com

homens e mulheres «de branco a entrarem e a saírem do Kremlin». Embora não pudesse ter a certeza, presumiu que fossem médicos e enfermeiros. E houve também um «camião de caixa aberta a carregar o que pareciam ser garrafas de oxigénio». Como o regime anunciara que Estaline adoecera no Kremlin, era natural que Gilmore se deixasse impressionar com a chegada frenética de pessoal e equipamento médico.<sup>68</sup>

Se o que Gilmore via era, de facto, verdadeiro, fazia tudo parte de uma charada cuidadosamente preparada. Estaline desfalecera na sua *dacha* em Kuntsevo, nos arredores da cidade. Contudo, havia tantos mitos a envolver o seu exercício do poder – incluindo a ideia de que ele estava continuamente a trabalhar em prol do povo soviético, pelo que se mantinha acesa uma luz na janela do seu gabinete do Kremlin, virada para a Praça Vermelha, durante a noite –, que terá parecido embaraçoso anunciar que a verdade era que estava na *dacha* quando sofrera a apoplexia. Quando, anos mais tarde, Svetlana Allilúyeva e, num relato distinto, Nikíta Kruschév descreveram a vigília da morte em Kuntsevo, não ocorreu a nenhum deles referir a falsidade do anúncio do Kremlin. Uma mentira inócua como essa não merecia ser explicada.

Nessa quinta-feira de manhã, o estado de Estaline agravou-se. Começou a vomitar sangue, o que levou a tensão arterial e a pulsação a enfraquecerem. Foi uma inflexão no curso dos sintomas que intrigou os médicos. Juntaram-se em torno dele e injectaram-lhe medicação para contrariar a queda da tensão arterial. Bulgánine era o supervisor nessa manhã, vigiando cada acção deles. Aleksánder Miasnikóv era um dos médicos. Reparou como Bulgánine os olhava «com suspeição e talvez até com hostilidade».

Interrogou-os quanto à causa de Estaline vomitar sangue. Miasnikóv só pôde avançar a opinião de que talvez estivesse relacionada com pequenas hemorragias no revestimento do estômago, devidas à tensão arterial e à apoplexia. Bulgánine respondeu de forma sarcástica: «Será possível?», disse-lhes ele, a imitar o tom de voz de Miasnikóv. «Talvez Estaline tenha cancro de estômago?» A voz dele veiculava uma inequívoca ameaça, mas ele consentiu-lhes que prosseguissem com os tratamentos. Era provável que Bulgánine estivesse tão assustado quanto os médicos.<sup>69</sup>

Continuaram a fazer o melhor que podiam. Para prevenir as escaras, os médicos friccionaram-lhe as costas com cânfora. Ele teve soluços, e os lábios e a pele exibiam sinais cada vez mais acentuados de cianose. Querendo nutrir o paciente, aplicaram enemas, uma dose com glucose duas vezes por dia e outra, a que chamavam «enema nutricional», com cem gramas de natas e uma gema de ovo, duas vezes ao dia. Pouco mais havia que pudessem fazer.<sup>70</sup>

O Kremlin difundiu um terceiro boletim relativo ao estado de Estaline ao fim dessa tarde. As notícias eram graves. Um electrocardiograma revelava lesões novas na parede posterior do coração e «perturbações da circulação sanguínea nas coronárias». Em determinado momento, a tensão arterial sofrera uma queda abrupta.<sup>71</sup>

Com o país e o mundo alertados para a situação de Estaline, Béria e Malenkóv convocaram para essa noite uma reunião extraordinária do partido e de responsáveis do governo. Konstantín Símonov esteve entre os trezentos membros do Comité Central, do Conselho de Ministros e do Soviete Supremo que se congregaram no Salão Sverdlov do Kremlin. Escreveu ele:

Poucas centenas de pessoas [...] conheciam-se entre si do trabalho, todos reconheciam os rostos de cada um dos outros,

eram-lhes familiares de muitas reuniões – umas poucas centenas de pessoas [...] sentaram-se em silêncio total, à espera de que a reunião principiasse. Sentaram-se ao lado uns dos outros, ombro a ombro, entreolhavam-se, mas ninguém dirigia palavra a ninguém. Ninguém perguntava nada a ninguém. Parecia-me que nem um só daqueles que estavam presentes sentia sequer a necessidade de falar. Logo desde o início, havia um tal silêncio na sala, que eu, se não tivesse estado sentado durante esses 45 minutos nesse silêncio, nunca acreditaria que trezentas pessoas sentadas de forma tão compacta pudessem estar tão silenciosas.

Claro que todos pensavam que Estaline recebia cuidados médicos a um ou dois corredores dali. A suposta presença dele nas proximidades reforçava a gravidade do momento. Quando os mais ou menos 12 líderes se sentaram na frente do salão, estavam entre eles duas figuras pouco conhecidas do planeamento económico nacional, Máxim Sabúrov e Mikhaíl Pervúkhin, porque Estaline os incluía no recém-criado Gabinete do Presidium apenas meses antes, enquanto Mólotov e Mikoíán, que haviam sido excluídos por Estaline, estavam sentados à margem. Como Estaline continuava a respirar, a nova chefia dava a aparência de continuar a submeter-se aos seus planos.

Malenkóv iniciou a noite, explicando que Estaline lutava pela vida e que, mesmo que conseguisse ludibriar a morte, não poderia trabalhar por longos períodos. Num momento como o corrente, a situação internacional exigia que o país tivesse uma chefia estável. Malenkóv introduziu então Béria. Béria avançou para o púlpito e aproveitou para propor que Malenkóv fosse reconhecido como presidente do Conselho de Ministros, uma decisão que foi rapidamente sancionada por aclamação. Quando Béria regressou ao seu lugar, ele e Malenkóv tiveram de passar por um espaço acanhado entre as cadeiras, face a face, com as cinturas



rotundas a obrigarem a uma pausa embaraçosa enquanto se deslocavam em direcções opostas. Na altura, Símonov não apreendeu o lado cómico dessa coreografia inesperada. Como escreveu no seu livro de memórias: «Naquele momento, não me passava pela cabeça sorrir.» Malenkóv explicou então as mudanças que estavam a ser instituídas, esperando com razão que não fossem precisas perguntas ou deliberação. Estaline era afastado como dirigente do governo e do partido. A reunião encerrou sem que mais fosse dito acerca do estado dele. Porém, uma importante decisão ficava agora tomada. Como recordou Símonov: «Sentia-se que ali mesmo, no Presidium, as pessoas estavam a ser libertadas de algo que andava a sobrecarregá-las.»<sup>72</sup>

A filha de Estaline permaneceu junto dele na *dacha* de Kuntsevo, a assistir ao esvaimento da vida do pai. «Nas últimas 12 horas, acentuou-se a carência de oxigénio», escreveu ela.

O rosto dele alterou-se e obscureceu-se. Os lábios enegreceram, e os traços ficaram irreconhecíveis. As últimas horas não foram senão um lento sufocar. A agonia da morte era horrível. Asfixiou literalmente até à morte enquanto nós assistíamos. Naquele que parecia o momento derradeiro, abriu subitamente os olhos e relanceou todos os que estavam no quarto. Foi um olhar terrível, demente ou talvez irado e pleno de pavor da morte e dos rostos desconhecidos dos médicos debruçados sobre ele. O olhar percorreu todos num segundo. Depois aconteceu algo incompreensível e extraordinário que ainda hoje não consigo esquecer e não compreendo. Ele ergueu de repente a mão esquerda como se apontasse para algo acima e fizesse cair uma maldição sobre todos nós. O gesto era incompreensível e carregado de ameaça, e ninguém conseguiu determinar a quem ou quê poderia dirigir-se. No momento seguinte, depois de um esforço final, o espírito arrancou-se a si mesmo da carne.<sup>73</sup>

A morte deu-se quando faltavam dez minutos para as dez da noite.

Kruschév e os outros também lá estavam. Precisamente quando Estaline morreu, «um homem corpulento surgiu de algures e começou a aplicar-lhe respiração artificial», escreveu Kruschév, «massajando-o para que voltasse a respirar». Kruschév estava consternado e sentia pena de Estaline. Percebia que aquilo era inútil e exprimiu o seu desconforto. Contudo, os médicos tinham de demonstrar que tentavam cada método concebível para manter Estaline vivo. As palavras de Kruschév facilitaram que parassem com aquilo.<sup>74</sup>

«Logo que determinámos que a pulsação e a respiração se tinham interrompido, e que o coração estava imóvel», escreveu posteriormente Aleksánder Miasnikóv, «instalou-se na ampla divisão o silêncio entre os chefes do partido e do governo, a filha Svetlana, o filho Vassíli e os guardas. Todos permaneceram imóveis, num emudecimento solene, durante trinta minutos ou talvez mais. [...] Um grande ditador, que ainda recentemente fora onnipotente, transformara-se num pobre cadáver digno de piedade que os patologistas retalhariam no dia seguinte.»<sup>75</sup>

Só Béria se mobilizou de imediato para a acção, precipitando-se para a porta e chamando por ajuda. «O silêncio do quarto onde todos se congregavam em torno do leito de morte foi rompido pelo som da sua voz forte, com uma manifesta aura de triunfo», recordou Svetlana.<sup>76</sup> Quando ele gritou pelo motorista, as suas palavras – «Krustalev, traz o meu carro» – entraram para a memória da história e da cultura russas. «Béria estava radiante», afirmou depois Kruschév. «Parecia regenerado e rejuvenescido. Digamos que ele fez a festa de comemoração do corpo de Estaline ainda antes de este ser metido no caixão. Béria tinha a certeza de que o momento por que aguardava havia já muito chegara finalmente. Não havia força na terra que pudesse agora

refreá-lo [...] Viam-se esses pensamentos triunfantes na cara dele quando mandou vir o carro e arrancou para a cidade.» Béria era «um carniceiro e um assassino», mas Kruschév teria de esperar pacientemente antes de agir contra ele.<sup>77</sup>

Svetlana deixou-se ficar no quarto. Observou enquanto os guarda-costas e o pessoal da casa vinham apresentar condolências. «Muitos soluçavam.» A governanta, Valentina Istómina, que trabalhara para Estaline durante 18 anos, «abateu-se pesadamente sobre os joelhos, pousou a mão no peito do meu pai e chorou com todas as suas forças. [...] Continuou assim por muito tempo, e ninguém tentou detê-la». Foi só muito mais tarde, quase ao raiar da manhã de sexta-feira, 6 de Março, que o corpo foi levado para a autópsia. Bulgánine acompanhou Svetlana quando ela seguiu a maca para o exterior. Ambos choravam. O regime fez um compasso de espera de seis horas e dez minutos para baixar a bandeira do Kremlin e anunciar o falecimento de Estaline ao mundo. Sentados em sossego na cozinha da *dacha*, Svetlana e o pessoal da casa ouviram as notícias sombrias pela rádio. Agora era oficial: Estaline morrera.<sup>78</sup>